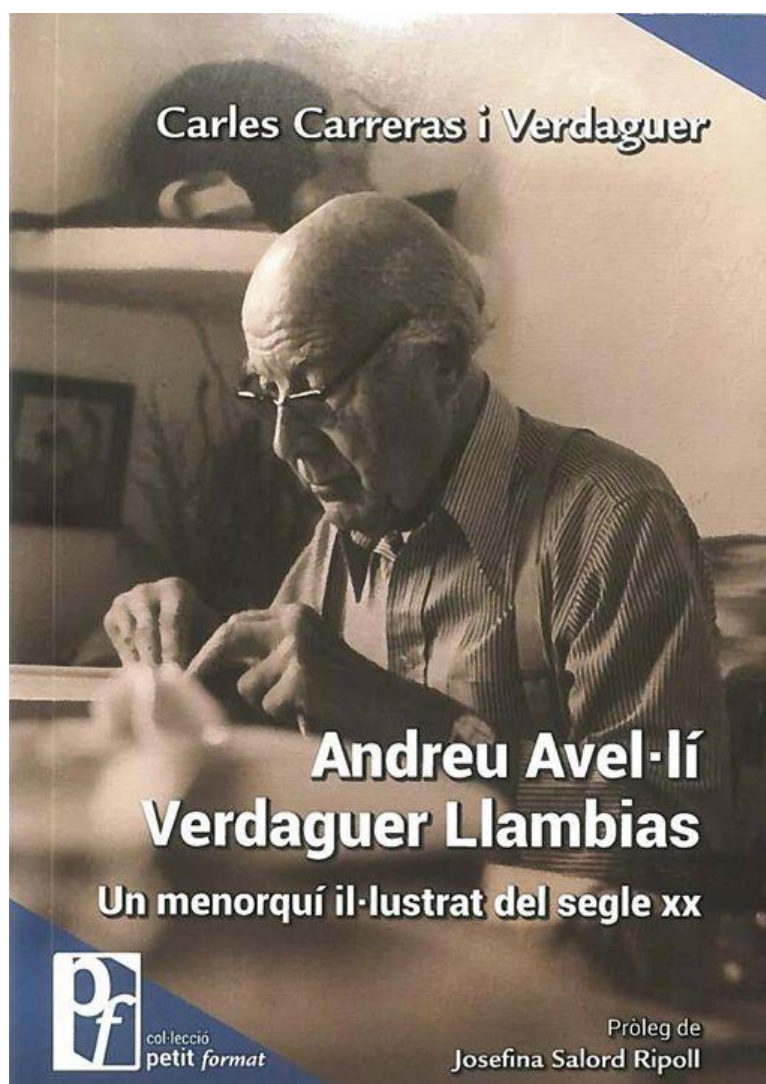




“Andreu-Avel-Í Verdaguer Llambias: Un menorquí il- lustrat del segle XX”, de Carles Carreras i Verdaguer

Paulo Celso da Silva - Universidade de Sorocaba | Sorocaba | São Paulo | Brasil |
paulo.silva@prof.uniso.br |  <https://orcid.org/0000-0002-0494-7408>.



RESENHA

O seu avô é um personagem famoso na sua cidade? Alguém que deveria ser biografado, ter suas histórias, feitos e fatos contados? Talvez a pergunta mais importante e sensata seja: Por que não? Afinal todos fazemos nossa história e participamos diariamente da história de nossos familiares, amigos, conhecidos e mesmo desconhecidos.

O autor, catedrático em Geografia na Universitat de Barcelona, talvez sem a motivação e a preocupação geográfica de analisar o



cotidiano ou o território vivido, propostos pelo seu amigo pessoal Milton Santos, o fez aliando a presença e o acompanhamento constante de seu avô e a distância do investigador. Contudo, em nenhum momento seu avô é tratado como um “objeto de estudo”, no sentido estrito da prática investigativa.

Podemos especular se a biografia do avô não é uma forma de “prestar contas com a própria história familiar”, entretanto, aqui parece mais um exercício de respeito e agradecimento pela herança biológica e cultural deixada nos 97 anos de vida do pintor, músico, escritor, tradutor que, nascido em Barcelona a 5 de junho de 1889 vai fazer em Maó/Menorca sua trajetória encerrada a 5 de janeiro de 1987.

Com o autor, acompanhamos a longa trajetória de seu avô materno, o qual ele descreve como uma pessoa introvertida e curiosa e que isso o definia como um exemplo do novecentista ilustrado que sabia sua missão de viver o dia a dia e, em alguns momentos, sobreviver e ajudar os demais a fazê-lo, uma vez que, para citar alguns fatos mais extremos que vivenciou, foram duas guerras mundiais, a guerra civil espanhola e a ditadura franquista de 40 anos.

Ao leitor brasileiro que desconheça, na Catalunha e em toda Espanha, o sobrenome da mãe é o último na sequência do nome, ou seja, o autor do livro por exemplo, é Carles Carreras i Verdaguer, assim seu pai tem o sobrenome Carreras e sua mãe Verdaguer.

O livro foi dividido em seis capítulos, sendo quatro deles nos quais os subitens dividem um tema mais geral em *flashes* do cotidiano de uma vida plena de cultura e atividades artísticas que deram sentido à vida de Avel·lí.

Compreender o cotidiano de um cidadão comum e valorá-lo na sua devida proporção depende de um olhar sábio para o cotidiano e um reconhecer no Outro a possibilidade de aprendizado constante. Também de saber que corre o risco de incorrer em erros de interpretação, pois, como informa Carreras, sua família era composta por cinco filhos, treze



netos e vinte e um bisnetos e, dada a subjetividade com que nos entendemos, relacionamos, com que imaginamos nossos parentes, provavelmente, muitos deles não reconhecerão o mesmo Andreu Avel·lí o qual Carreras biografava.

Andreu Avel·lí, como um novecentista ilustrado, participa ativamente da vida cultural de seu lugar. Uma passagem a ser destacada, já de sua fase final mostra o desejo de Andreu Avel·lí de escrever um livro de arte. Mas, não era qualquer livro. Para isso, muniu-se de dicionários, livros de arte e completou os volumes da enciclopédia Catalã que faltavam, adquirindo seus 14 volumes. Seu projeto foi intitulado de Sinopse cronológica dos principais artistas. Pintura, escultura, arquitetura, música e literatura, da segunda metade do século XIII à segunda década do atual século XX.

Contudo, não bastava planejar apenas a redação e o conteúdo. Também elaborou a edição e o design gráfico de sua edição. Descreve Carreras a empreitada:

Nesse sentido, então, ele combinou em um papelão grande e paisagístico um quadro de seis colunas e nove fileiras, isto é, com cinquenta e quatro quadrados por página, nos quais colocaria cronologicamente os pintores espanhóis, os estrangeiros, arquitetos, escultores, músicos, escritores espanhóis e estrangeiros: pintores e escritores com espaço duplo como uma amostra de seu hobby e conhecimento. Em cada caixa, toda feita à mão com sua letra elegante e bonita, ele escrevia o nome do artista, sublinhado; abaixo, as datas de nascimento e morte, quando o encontrou; e abaixo, alguns comentários ou detalhes de seus principais trabalhos. No total, ela fez quarenta e oito folhas, quase todas cheias, o que significa reunir e ordenar cerca de dois mil e seiscentos caracteres, uma tarefa enorme por si só, ainda mais se considerarmos que o todo trabalho, material e intelectual, era inteiramente manual. Como estava escrito com tinta, quando teve que corrigir ou mudar alguma coisa, teve que cortar um pedaço de papelão do tamanho da caixa e colá-lo em cima. É incontável e inimaginável quantos esboços e rascunhos ele teve que fazer antes de limpar as informações em todas essas páginas...O longo título está escrito em um desenho, também feito por ele, é claro, que



representa a escultura de Ganimede com a águia de Júpiter, copiada da escultura de 1817, de Albert B. Thornvaldsen (1770-1844), escultor dinamarquês contemporâneo de Beethoven. Ele o copiou de uma placa fotográfica de um de seus muitos livros de arte. A escolha do motivo da capa é muito significativa para o refinamento do gosto e o neoclassicismo de Andreu Avel·lí. (VERDAGUER, 2019, p. 149).

Uma de suas netas, impressionada e entusiasmada com o trabalho, mostrou ao escritor Joan Triadú, que era diretor da *'Institució Cultural del CIC'*, escola em que ela havia estudado e ele, também admirado, envia um cartão de felicitação e encorajamento para o trabalho. Vale informar que tanto o diretor como a Instituição, assim como sua fundadora, a pedagoga Maria Rosa Farré i Escofet receberam a *Creu de Sant Jordi*, distinção outorgada pelo governo da Catalunha para os destaques na cultura e defesa da identidade catalã. Corria o ano de 1972.

Contudo, em 1978 nos preparativos para passar um mês na casa de San Rotger (Maó, Menorca) ele planejava continuar os estudos e escritos no local onde passou boa parte de sua vida. Empacotou tudo: o cartão de Triadú, as cinquenta folhas, anotações. E o pacote foi confundido com um saco e jogado no lixo. Parte do trabalho foi reencontrado depois, mas ele talvez não tenha tido conhecimento disso.

O Senhor, agora com 89 anos, que pouco se deixou abater na vida, já não se via mais em condições de recomeçar a tarefa. Escritos seus afirmam que ele tinha:

[...] a esperança de que um neto ou tataraneto possa ou queira um dia continuar o trabalho realizado... Mas, apesar do descontentamento e aborrecimento, ele não desistiu. Nos mesmos escritos, ele ressalta que as vistas do campo e do mar de Son Rotger em um esplêndido meio-dia de julho o levaram a não desistir. Assim começa a catalogação dos livros que ele tem na vila, usando um catálogo antigo, indicando com as iniciais S.R. as cópias que ele tinha lá e completando o catálogo. Quando esse trabalho terminou, e ele não podia mais pintar, ele partiu para um novo projeto possível. (VERDAGUER, 2019, p. 152-153).



A cinco de janeiro de 1987 vem a falecer com 96 anos. Em julho do mesmo ano, sua companheira de toda a vida também falece aos 93 anos.

Finalizando a trajetória de Andreu Avel·lí, o autor nos faz lembrar e revalorar as histórias pequenas, as vidas minúsculas – como sugere Pierre Michon – nos fazendo refletir que elas também são plenas e dignas de serem contadas e a grandeza é dada pelo leitor que ora se identifica com o biografado, ora com o contexto, ora com o biógrafo. Eis a grandeza do cotidiano.

Referências

VERDAGUER, Carles Carreras i. **Andreu-Avel·lí Verdaguer Llambias**. Un menorquí il·lustrat del segle XX. Menorca: Institut Menorquí d'Estudis, 2019.